

## **A PRÁTICA DOCENTE NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV – LIMITES E POSSIBILIDADES**

Daiana Rodrigues de Lima – ESEFFEGO/UEG  
Naiá Márgore Marrone Alves – ESEFFEGO/UEG  
Érika Mendes Costa – ESEFFEGO/UEG

### **RESUMO**

*Este trabalho é um relato de experiência da prática docente oportunizada no Estágio Supervisionado IV da Universidade Estadual de Goiás (ESEFFEGO) do 7º período vespertino do curso de Educação Física. Trata-se de um trabalho de revisão bibliográfica e relato, que tem o objetivo de relatar a prática docente apontando pontos positivos e negativos, destacando-se o problema da indisciplina que foi encontrado de forma mais acentuada em nossas aulas. Assim, como possibilidade de transformação, optamos por seguir a pedagogia crítico-superadora.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *prática docente, estágio, indisciplina.*

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho consiste em um relato de experiência estruturado a partir da disciplina Estágio Supervisionado IV do 7º Período Vespertino da Universidade Estadual de Goiás (Unidade ESEFFEGO). Aqui será mostrado o percurso do trabalho em campo realizado com o objetivo de vivenciar a prática docente no ensino básico (Nível Fundamental do primeiro ciclo). De forma mais específica, trabalhamos com o 4º ano C do Instituto de Educação de Goiás (IEG) por meio de um convênio realizado com a ESEFFEGO.

Um trabalho como este contribui de forma decisiva para a ampliação de discussões acerca da importância do Estágio Supervisionado e sobre as possíveis soluções para alguns problemas enfrentados no cotidiano da prática docente. Além disso, ao relatar o que foi construído ao longo do semestre, é possível pensar a prática em suas entrelinhas, o que de fato, não acontece durante o cotidiano escolar.

Desse modo, o objetivo é expor os acontecimentos mais marcantes que delimitaram a nossa experiência, discutir as questões que subsidiaram a dinâmica das aulas, além de propor, ao nosso alcance, algumas sugestões para que determinados problemas sejam amenizados ou até mesmo solucionados.

A questão que fundamentará grande parte de nosso trabalho é a indisciplina na escola, um dos grandes problemas enfrentados durante nossa vivência como professoras de Educação Física.

## **O ESTÁGIO E O PLANEJAMENTO**

O Estágio Supervisionado IV desenvolvido no semestre 2010/2, direcionado ao 7º Período Vespertino do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Goiás (Unidade ESEFFEGO) teve o objetivo de oportunizar a prática docente no campo escolar do Ensino Fundamental do primeiro ciclo.

À priori, foi necessário que tivéssemos conhecimento da existência de alguns documentos da instituição de campo, inclusive o Projeto Político Pedagógico, o qual não tivemos contato. Procuramos de forma independente por outros referenciais para a construção de nossa proposta de intervenção. A elaboração de um plano de ensino em qualquer instância é um ato político, e deve estar vinculado ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. E apesar de não termos tido contato com o PPP da instituição onde realizamos o estágio, entendemos que:

O Projeto Político Pedagógico representa uma intenção, ação deliberada, estratégia. É política porque expressa uma intervenção em determinada direção e é pedagógico por que realiza uma reflexão sobre a ação dos homens na realidade explicando suas determinações. Todo educador deve ter definido o seu projeto político pedagógico. Essa definição orienta a sua prática no nível de sala de aula: a relação que estabelece com seus alunos, o conteúdo que seleciona para ensinar e como o trata científica e metodologicamente, bem como os valores e a lógica que desenvolve nos alunos. (COLETIVO, 2009, p.27)

E na elaboração do nosso Plano de Ensino, levamos em consideração as características que um PPP deve abranger, os questionamentos que devem ser priorizados e de forma mais ampla o que nos é importante para nossa intervenção, e o que os conhecimentos escolhidos e a maneira de trabalhá-los irá repercutir na realidade deles.

Em âmbito escolar a Educação Física assume o papel da matéria das práticas, mas o objetivo do plano de curso era desmistificar a idéia da aula em quadra e o conteúdo como sendo futsal em todos os momentos, seria necessário levar aos alunos do ensino fundamental 1º ciclo ou fase, uma idéia ampliada de Educação Física,

demonstrado uma visão abrangente de conteúdos e um lugar de prática diferente em que a quadra seria somente um ambiente.

Para que fossem atendidas tais necessidades, foi necessário migrar do reducionista esporte, para a Cultura Corporal, e de uma pedagogia restrita voltada para aspectos mecânicos e sem intenção para uma pedagogia que nos desse aporte para discutir aspectos históricos, que fosse crítica promovendo reflexões entre professores e alunos e que acima de tudo promovesse rupturas naquele espaço de educacional, para foi necessário trabalhar tendo como suporte a Tendência Crítico-Superadora que defende:

Deve fazer uma seleção dos conteúdos da Educação Física. Essa seleção e organização de conteúdos exige coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade. Para que isso ocorra, devemos analisar a origem do conteúdo e conhecer o que determinou a necessidade do seu ensino. Outro aspecto a considerar nesta seleção de conteúdos é a realidade material da escola, uma vez que a apropriação do conhecimento da Educação Física supõe a adequação de instrumentos teóricos e práticos. (...) Os conteúdos são conhecimentos necessários à apreensão do desenvolvimento sócio-histórico das próprias atividades corporais e a explicitações das suas significações objetivas. (COLETIVO, 2009, p.64)

Por escolha nossa, os conteúdos foram pautados nestas concepções, houve uma relativa progressão, o conteúdo que se restringia supostamente ao futsal (parte de um elemento da cultura corporal) foi para um lugar mais amplo em que Educação Física é esporte, dança, jogos, capoeira e ginástica.

Dos elementos da Cultura Corporal, foram eleitos dois tipos de jogos, dos quais escolhemos as classificações: Competitivo e Cooperativos, e Dança em que desenvolvemos brinquedos cantados e danças folclóricas. Partindo das características citadas acima, deu-se início a elaboração dos planos de aula, o primeiro traz um marco importante para a nossa prática, foi elaborado um texto por nós, no qual foi caracterizado o que era Educação Física e qual sua abrangência para o ambiente escolar, e sua inserção no cotidiano deles, o que contribuiu para que eles pensassem na amplitude do conhecimento que a Educação Física apodera.

No conteúdo Jogos, foram realizadas várias vivências que tiveram como objetivo trabalhar as duas classificações de jogos (competitivos e cooperativos) e instigar os alunos a refletir sobre os princípios básicos de cada um, suas classificações e como é

possível transpor estas características para o cotidiano, instigando-os a organizar e desenvolver seus próprios jogos e decidir suas regras, entendendo-as e aceitando-as como exigência do coletivo (COLETIVO, 2009).

No conteúdo Dança, foram realizadas poucas vivências devido ao número restrito de aulas, no entanto demos prioridade a temas da cultura nacional, relacionando a realidade dos alunos e da comunidade tais aspectos definem a dança como deve ser trabalhadas em turmas de 4ª á 6ª séries do ensino fundamental em que a dança está na fase de iniciação á sistematização do conhecimento (COLETIVO, 2009).

### **O DESENVOLVIMENTO DAS AULAS**

A experiência, de modo geral, trouxe grandes inquietações e desafios por meio de todos os aspectos positivos e negativos obtidos ao longo do processo. Um dos problemas enfrentados refere-se ao curto intervalo de tempo que nos foi disponibilizado para exercermos a atividade regente. A quantidade de aulas foi bastante restrita, contabilizando apenas 13 (treze), o que, sem dúvida, acabou por limitar a dimensão da nossa possibilidade de intervenção na realidade dos alunos.

Uma justificativa apontada para esse pequeno número de aulas deve-se, sobretudo, a questões institucionais. O semestre 2010/2 se iniciou em meio a grandes conturbações dentro da ESEFFEGO, haja vista a falta de um número significativo de professores para compor o corpo docente da Universidade. Dessa forma, a entrada de novos professores e a conseqüente iniciativa de buscar um convênio com alguma instituição de ensino que nos servisse como campo de estágio foi tardia.

Apenas em meados do mês de setembro é que definiu-se o campo em que atuaríamos: Instituto de Educação de Goiás (IEG) Assim, começamos as regências no dia 23 de setembro de 2010. As aulas ocorriam todas as terças e quintas-feiras e deveríamos estar presentes no horário das 13:00h às 16:30h. Desse modo, a turma do 7º período vespertino foi dividida em duplas (ou trios), sendo cada uma responsável pela regência de uma turma específica, que variava entre o 3º ao 5º ano do ensino fundamental. Neste caso, nos foi atribuída, particularmente, a tarefa de ministrar aulas para o 4º ano C.

As primeiras aulas foram um grande desafio, já que não conhecíamos os alunos e nem eles a nós. Um fator polêmico que nos acompanhou ao longo de toda a experiência, trata-se da consciência dos alunos de que éramos estagiárias e que por esse motivo, não merecíamos tanta credibilidade e respeito como as professoras da própria instituição. Além disso, a efemeridade de nossa intervenção também foi um fator prejudicial, pois em pouco tempo já não ministraríamos as aulas e talvez, para eles, nossa intervenção não significasse tanto para a construção de seu conhecimento.

Assim, ao longo do tempo, conseguimos conhecer até mesmo por nome a maioria da turma, o que nos possibilitou a formulação de algumas estratégias no modo de lidar com os alunos, fazendo com que eles participassem das atividades propostas. Houve certa adaptação ao nosso plano de ensino, levando-se em consideração a particularidade da turma. A faixa etária dos alunos variava de 8 a 12 anos; a quantidade de meninos e meninas era bastante próxima; havia dois alunos com necessidades especiais (deficiência auditiva) e uma professora intérprete para auxiliá-los.

O espaço em que as aulas foram realizadas variava entre a sala de aula, a quadra e o pátio. Notamos uma maior dificuldade em lidar com os alunos no espaço externo à sala de aula, já que eles sempre se dispersavam e mantinham um nível de indisciplina muito alto. As aulas em sala foram utilizadas para trabalharmos alguns textos que abordavam conteúdos da Educação Física, com o objetivo de quebrar a representação de que essa área do conhecimento no espaço escolar serve apenas como um momento recreativo aos alunos. Além disso, exigimos a eles que reservassem um espaço do caderno para a disciplina de Educação Física, para que pudessem construir as atividades.

Quanto à aceitação de nossas propostas, muitas vezes os alunos mantiveram-se indiferentes, principalmente em relação às atividades escritas (tarefas em sala e para casa). No entanto, é possível afirmar que o conteúdo de Jogos teve uma boa assimilação por parte dos mesmos. Discutimos muito em sala de aula os conceitos de Jogos Cooperativos e Jogos Competitivos, fazendo uma analogia à organização da sociedade vigente. Além disso, nas aulas em quadra, os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar vários exemplos de jogos e brincadeiras.

A seguir, esboçaremos um panorama geral das aulas desenvolvidas durante a prática docente no Estágio Supervisionado IV:

DATAS	CONTEÚDOS TRABALHADOS
23/set	Aula de apresentação do grupo e conceitos de Educação Física e Sociedade
28/set	Atividades introdutórias aos jogos cooperativos
30/set	Conceitos de Educação Física / Discussão em sala
05/out	Aula da semana da criança - circuito escolar
07/out	Aula da semana da criança - oficina de jogos
14/out	Jogos cooperativos e competitivos: entendendo os conceitos
19/out	Jogos competitivos e cooperativos - vivência de jogos competitivos
21/out	Jogos competitivos e cooperativos - vivência de jogos cooperativos
26/out	Jogos competitivos e cooperativos - fechamento do conteúdo
09/nov	Brinquedos cantados - escravos de jó
11/nov	Jogos e brincadeiras - confecção de cartinhas
16/nov	Jogos e brincadeiras - continuação e encerramento da confecção de cartinhas
18/nov	Finalização dos conteúdos - confraternização.

### **A QUESTÃO DA (IN) DISCIPLINA**

Quanto aos desafios e problemas encontrados durante o nosso percurso como professoras de Educação Física do 4º ano C, é cabível dizer que eles se mostraram maiores do que as nossas expectativas. A indisciplina era muito acentuada, havia um pequeno grupo composto por alunos relativamente maiores e mais velhos que os outros, que interferia em todo o desenvolvimento das aulas. No entanto, percebe-se que o restante da turma, independente do referido grupo, também tinha um comportamento muito indisciplinado. Todos eles, de forma geral, estavam o tempo todo envolvidos com um jogo de “cartinhas” que traziam de casa e ficavam jogando durante as aulas. Assim, até que conseguíamos fazê-los guardar o jogo e participar da aula, muito tempo havia sido gasto.

Este problema da indisciplina foi o grande desafiador de nossa prática pedagógica e também perpassa a realidade escolar brasileira em vários ângulos. Trata-se

de uma questão social e pensar em propostas que possam romper com essas situações indisciplinadas, requer um trabalho construído a longo prazo.

Á princípio, deve-se entender o conceito de indisciplina no contexto escolar. Assim, de acordo com Garcia (2006)

(...) na literatura educacional o termo *indisciplina* remete a uma pluralidade de entendimentos conceituais. Quando pensado em contraste à noção de disciplina, esse conceito se articula a noção de ruptura e negação de esquemas norteadores e reguladores na escola. Entendemos a noção de indisciplina como relativa, fundamentalmente, a rupturas relacionadas às esferas pedagógica e normativa da escola. As expressões de indisciplina comumente refletem transgressões a parâmetros e esquemas de regulação da escola, e podem ser pensadas como formas de ruptura no contrato social subjacente às relações e intenções pedagógicas na escola, cujo eixo seria o processo de ensino-aprendizagem (p. 124).

Indisciplina refere-se, desse modo, a todo comportamento ou atitude que se direciona contra as regras e aos parâmetros reguladores da escola. Há, assim, equívocos na utilização do termo, quando na verdade alguns fatos ocorridos dentro da escola são atitudes de incivilidade dos alunos, e não uma questão de indisciplina. A incivilidade é aquele comportamento que foge às regras de boa convivência em qualquer espaço, tanto formal como informal. Garcia (2006) diz que

As incivildades englobam, portanto, comportamentos desafiantes que rompem regras e esquemas da vida social, sejam tácitos ou explicitados contratos sociais. Mas as chamadas incivildades não rompem, necessariamente, com acordos, regras e esquemas pedagógicos. Antes, rompem com expectativas do que pode estar sendo tacitamente esperado como boa conduta social. Destacam-se entre as incivildades reportadas, nas queixas usuais dos professores, a "falta de respeito".

Assim, é necessário que se rompam com alguns conceitos de indisciplina apontados pelos professores da educação básica; é preciso superar a idéia de que se trata de um problema de comportamento. "Isso requer a consideração de outras dimensões de leitura teórica, que superem as abordagens comportamentalistas e que sejam capazes de englobar os diversos aspectos psicossociais envolvidos neste fenômeno"(GARCIA, 2009, p. 370).

É incontestável a compreensão de que problemas de disciplina interferem de forma negativa no processo ensino-aprendizagem, desgastando, além disso, a relação

professor-aluno e ainda fragilizando aos poucos o sistema escolar. Desse modo, é preciso entender a indisciplina partindo de uma análise preventiva. Em vez de buscar meios de sustentar políticas de punição ou contenção da indisciplina, é preciso se engajar em estratégias que reduzam essas situações fazendo com que elas não aconteçam.

No entanto, existe uma grande fragilidade da escola no sentido de elaborar meios que qualifiquem os professores a tomar essas atitudes preventivas. Uma das sugestões apontadas por Garcia 2009 é a atuação do Projeto Político Pedagógico como forma de abordar questões além do âmbito institucional e pedagógico, e se aprofundar em discussões que dêem subsídios aos professores no sentido de promover nos alunos a consciência de organização e disciplina.

A partir dessas contextualizações, percebemos que o problema inerente à turma em que ministramos as aulas do Estágio Supervisionado IV, está mais voltado à questão de incivilidade do que à de indisciplina. Entendemos que entre eles, há uma maior dificuldade de se organizarem para a efetivação das atividades propostas, do que um ato que transgrida as normas da escola. No entanto, esse tipo de comportamento era muito freqüente e isso desgastou a relação professor-aluno e limitou muito o alcance de nossos objetivos.

Alguns autores apontam os possíveis motivos que levam os alunos a demonstrarem este comportamento. Entre essas questões, destacam-se a ausência do papel familiar que possa acompanhar os filhos, “o sentimento de alienação em relação à escola, uma singular motivação em direção mais ao exercício do consumo que da cidadania crítica, e a desconfiança em relação ao papel que possam vir a desempenhar, no futuro, em um mundo tão desigual” (GARCIA, 2009, p. 379).

Portanto, ao pensar em estratégias que amenizem essas situações de incivilidade ou indisciplina, é preciso promover estudos coletivos entre o corpo docente da instituição com o objetivo de entender os motivos pelos quais os alunos apresentam esse tipo de comportamento, gerando, assim, alternativas que possam prevenir tais atitudes que comprometem sobremaneira o desenvolvimento das aulas.

Desse modo, uma das estratégias imediatas que encontramos, foi adaptar o nosso conteúdo à realidade dos alunos, propondo a eles que confeccionassem o seu próprio jogo. A aceitação foi unânime e eles se mostraram interessados e muito criativos. Assim, dividimos a sala em grupos, distribuimos cartolinas coloridas, e pedimos a eles

que criassem o seu jogo de cartinhas. Todos participaram ativamente, inclusive o grupo mais indisciplinado. Neste trabalho (que foi realizado em duas aulas), os alunos se mostraram mais envolvidos e conseguiram se organizar de forma menos confusa, aproveitando melhor o tempo da aula e demonstrando um comportamento mais disciplinado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Felizmente, ao esboçar um panorama geral de nossa atuação, percebemos que em todas as nossas aulas, conseguimos fazer com que os alunos executassem as atividades propostas. No entanto, em quase todas as aulas, houve uma perda de tempo acentuada para os alunos se organizarem e prestarem atenção, devido à questão da incivildade. Desse modo, é possível dizer que talvez não tenhamos conseguido fazer com que os alunos estabelecessem a síntese do conteúdo, por outro lado, afirmamos que os objetivos específicos das aulas, em sua maioria, foram alcançados.

De forma geral, percebemos que para que haja uma intervenção eficaz na realidade escolar por meio da prática docente, é preciso tempo, esforço, dedicação, empreendimento e, acima de tudo, coletividade. Não eliminamos, em hipótese alguma, a possibilidade de transformação social, apesar de todas as dificuldades. Entendemos que para que os nossos objetivos, enquanto futuras educadoras, sejam alcançados, necessitasse de um trabalho contínuo, construído a longo prazo.

Assim, à princípio, deve-se buscar uma reformulação da prática pedagógica, visando à coerência de práticas entre todos os professores da escola, no intuito de tornar a escola e o ato de estudar condizentes com a prática social dos alunos e não mais ter no espaço escolar um lugar de punição e adestramento e sim um local que é capaz de promover rupturas e contribuir para a formação crítica e que possibilite a estes alunos atuarem na sociedade.

No que se refere à Educação Física, entendemos que é imprescindível estabelecer uma nova representação sobre o seu papel social, fazendo com que os alunos criem uma concepção diferente, tendo uma maior aceitação de sua prática corporal e ainda entendendo a Educação Física enquanto uma disciplina tão importante quanto todas as outras componentes do currículo escolar.

## REFERÊNCIAS

CASTELLANI FILHO, Lino et al. **Metodologia do ensino de educação física**. 2ª ed. rev. São Paulo : Cortez, 2009.

GARCIA, Joe. **INDISCIPLINA NA ESCOLA: Questões sobre mudança de paradigma**. Contrapontos, v 8, n.3 - Itajaí, 2008, p. 367-380.

GARCIA, Joe. **Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola**. Educação Temática Digital, v.8, 1, Campinas, 2006, p. 121-130

LIMA, Paulo Gomes. **Indisciplina na escola**. Rev.Educere et Educare, Revista de Educação. Vol. 4 nº 8, 2009, p. 323-327.

CARNEIRO, Simone Cristina Lubel. **Coletânea de atividades de Educação Física para o Ensino Fundamental: jogos**. Curitiba: Expoente, 2003.